

# O DEVIR-EU DE FERNANDO PESSOA

Gabriel Cid de Garcia

UNIRIO/UFRJ

Resenha de Gil, José. *O devir-eu de Fernando Pessoa*. Lisboa: Relógio D'água, 2010

*O devir-eu de Fernando Pessoa* é o quarto livro de José Gil dedicado a tratar especificamente do laboratório poético de Fernando Pessoa. Em todas as suas obras anteriores – e esta não foge à regra – Gil efetua primorosas análises que tratam, de maneira inovadora, dos estudos pessoanos enquanto problema filosófico. Não se trata, no entanto, de ilustrar ou comparar os temas pessoanos a temas que seriam caros à filosofia, mas sim considerar o próprio fenômeno estético Fernando Pessoa como detentor de uma potência que nos dá a pensar diversas questões filosóficas, ao mesmo tempo em que ele mesmo se institui como problema. Os quatro capítulos que compõem o livro perfazem uma potente amostra da inesgotabilidade das questões em torno da obra de Pessoa, sobretudo em relação à atualidade e relevância das perspectivas filosóficas por ela trazidas. É interessante notar a forma como Gil multiplica suas análises, alinhado com seus livros anteriores, não só alargando seu escopo como também nos fazendo pensar sobre o próprio modo de a obra de Pessoa nos afetar.

Profundamente marcado pela influência do pensamento de Gilles Deleuze – de cujo ferramental conceitual se apropria –, o filósofo português entende a arte como expressão de forças que possui como fim uma intensificação das sensações. Afastando-se de qualquer associação com a tradição metafísica ocidental, a pergunta pela natureza do pensamento incorpora o próprio ato de pensar como impulso vital, entendendo-o como indissociável das sensações, do devir, do tempo, acompanhando as mudanças que se operam no real. Se o ato de pensar não é natural, também não o é a admissão de uma identidade fixa, estável, civil. A obra de Pessoa nos convocaria ao seguinte caminho: mais natural seria adentrar o movimento que nos afasta de nós mesmos, seria *devir-outro*, tornar as sensações impessoais, distantes dos sentimentos e lembranças que a prendem ao Eu do poeta. A escrita pessoana, na leitura de Gil, se configura como um modo particular de promover a vibração das forças que dinamizam as intensidades impessoais de uma obra de arte, levando o próprio leitor a entrar no movimento “despessoalizante” do *outramento*, que estaria na base, por sua vez, do fascínio que ela, a poesia, exerce.

A primeira análise de Gil se concentra justamente neste tema, já apontado

também por um outro filósofo, Alain Badiou: o fascínio exercido pela poesia de Pessoa. Se Badiou havia se limitado a situar esse fascínio como desafio imposto pela poesia de Pessoa ao pensamento contemporâneo (o que em si já é enorme!), Gil assume a tarefa e se propõe pensar, como inerente à escrita pessoana, o poder de atração que atravessa sua obra. Poderíamos nos perguntar: por que este poder de atração dos escritos de Fernando Pessoa, objeto de inquietação filosófica de José Gil, necessitaria, de início, de um olhar mais apurado? Não seria ele “um traço exterior, não literário, da sua obra [...]” (p. 10)? Ou não seria este poder de atração “uma característica natural de toda a grande obra que suscita admiradores incondicionais para a vida inteira”? (p. 10).

Em Pessoa, temos um tipo de atração diferente, cuja captura opera de forma não apenas mais intensa, mas a partir de uma relação que força também o leitor a *outrar-se*. Alguns aspectos específicos desta captura encontram operadores teóricos em meio aos escritos dos próprios heterônimos, como nos *Apontamentos para uma estética não aristotélica*, de Álvaro de Campos, no qual o engenheiro desenvolve uma verdadeira análise das forças que atuam na arte. É precisamente a ideia de *força* que permite a José Gil formular sua argumentação. Na leitura do filósofo português, retomando as formulações de Pessoa, o elemento singular da arte, que constitui sua força de influência e poder de atração, supõe a atuação de algo da ordem do invisível, um elemento oculto que se traduz no movimento chamado por José Gil de *subjugação*.<sup>1</sup> É devido a ele que Pessoa pode forçar o leitor a entrar numa relação osmótica provisória com aquele que escreve.

Por sua abrangência, voltaremos a esta análise mais à frente. Por ora, ressaltamos uma questão que salta aos olhos no movimento da leitura, que nos reenviará, posteriormente, ao fascínio problematizado neste primeiro capítulo. A questão do devir é uma constante que atravessa o livro de José Gil. Não só ela está presente em todos os capítulos como anuncia sempre um impasse relativo à intensidade de sua experiência. Há espaço, por exemplo, tanto para uma análise do lugar privilegiado da cidade no *Livro do desassossego* – situada como um dos cinco espaços objetivos do universo de Bernardo Soares – como também para os mecanismos das trocas afetivas nas cartas entre Ofélia Queiroz e Pessoa. Em ambas as análises, exerce papel fundamental a noção de devir, ora como possibilidade de transformação do tédio e da angústia do existir pela metamorfose entre espaços objetivos e espaços de sensação, ora como tentativa – fracassada – de freá-lo, de escapar ao devir, em meio à dificuldade de lidar com as exigências identitárias do amor.

---

<sup>1</sup> José Gil é fiel aqui à terminologia pessoana, notadamente ao texto de Campos mencionado. A arte, para Campos, por se basear na ideia de força, é capaz de subjugar quando atua sobre a sensibilidade sem subordiná-la à inteligência.

No *Livro do desassossego*, a cidade aparece como limite das transformações dos espaços objetivos do mundo em sua passagem aos espaços de sensação. Estes, por sua vez, possuem uma escala que envolve três graus, correspondentes ao infinitamente grande, ao infinitamente pequeno das sensações mínimas e ao “eu” do sujeito. A tensão entre exterior e interior já se apresenta no título do capítulo, “A cidade e o quarto de Bernardo Soares”. Como afirma José Gil (p. 36), “Bernardo Soares sonha que seu escritório é o universo e que as suas sensações irradiam para o cosmos. Quando há uma passagem entre os dois polos da escala, há um devir, há infinito, sonho, libertação”. Por outro lado, “quando essa passagem se obstrui, ou quando para o movimento, aparece a ameaça do tédio, da estagnação, do desassossego que vem do excesso e do sossego” (p. 36). Desta forma, aquilo que já existia como uma teoria das paisagens no *Livro do desassossego* é compreendido à luz das transformações operadas pelo devir, a partir das quais se vislumbra a continuidade entre a paisagem exterior e a interior. Como figuras que descrevem os espaços da alma, as dimensões comunicantes pelas quais Bernardo Soares transita, ainda que imóvel, evidenciam sua relação com o universo: “O dentro comunica com o fora, a alma-cidade com a cidade exterior, o infinitamente pequeno das sensações com o infinitamente grande do cosmos” (p. 43).

Outra feição do devir se esboça no capítulo intitulado “A máquina de amor de Ofélia-Fernando Pessoa”. Como sugere o título, o capítulo trata da correspondência entre Ofélia Queiroz e Pessoa, especificamente focado no mecanismo das trocas afetivas que se estabelecem entre os dois a partir desses escritos, ao qual Gil denomina *máquina de amor*. De saída, é preciso destacar que a atenção dedicada aos escritos epistolares é prova de que o alcance da heteronímia transvasa o núcleo de poetas tradicionalmente a ela associados, afastando a análise das preocupações em torno de uma *pessoa* central. De fato, a análise de Gil constitui-se como uma potente observação de um momento de *quase-crise* da heteronímia, disparado pelas exigências de Ofélia.

A ausência de adjetivos e de transporte metafórico na correspondência entre ambos sugere um grau de objetividade que escapa às características tradicionais das – ridículas? – cartas de amor. Ofélia inaugura a relação com uma carta cuja resposta deverá, nos moldes de um contrato, selar a legitimidade das promessas e das palavras, das juras de amor. A escrita funcionaria, portanto, como plano de inscrição da verdade daquelas palavras, atuando como fundadora da realidade. Percebemos aqui um problema associado à exigência de Ofélia, dado nosso conhecimento do destinatário. Um problema que, de acordo com Gil, impõe uma torção de 180° na escrita pessoana: a exigência de sinceridade, do não fingimento.

Nesta defasagem criada entre o plano da escrita e o da realidade, a circularidade do mecanismo força Pessoa a adotar dois dispositivos que permitem o prolongamento

da relação entre os dois: o *devir-criança*, trazendo elementos infantis que evitam a seriedade, e a inserção de Álvaro de Campos na troca de correspondências, confundindo ainda mais o plano da vida real com o plano do fingimento e tornando insuportável para Ofélia – que odeia Campos – a continuidade da relação. Para Gil (p. 61), “a máquina de amor estava condenada, desde o início, a falhar”. No *devir-sem-devir* a que estava submetido, Pessoa se esforçava por fingir uma escrita trivial submetida às exigências e aos anseios de Ofélia, que o forçava à centralidade de uma identidade fixa, sincera, atrelada aos valores do homem comum. Tarefa impossível, como sabemos, pois nada há de transformador nesta espécie de devir *anti-heteronímico*, que efetua antes o bloqueio do devir, impedindo que tomem forma os movimentos impessoais que o atravessam e o condicionam.

No capítulo que fecha o livro, Gil amplia a discussão em torno do problema do inconsciente da sensação, noção ausente dos princípios da estética sensacionista. No entanto, Gil foca sua atenção no poema sensacionista de Campos, “Passagem das horas”, para mostrar que, a partir dele, pode-se perceber a sensação poética como possuindo uma “dimensão” inconsciente, uma vez que Pessoa já havia admitido, em outros escritos, o inconsciente como um elemento da vida. A incompletude do poema estaria relacionada à relutância em se admitir um outro plano além do da consciência. Associado à própria *passagem* do tempo, o plano do inconsciente se relacionaria com a escrita, adentrando o jogo colocado em ação pelo programa sensacionista de “sentir tudo de todas as maneiras”.

No movimento desde a vida à escrita, a sensação é captada do mundo e tornada abstrata pela construção poética, pela consciência. “Agarrar o inconsciente do mundo com a consciência, torná-lo consciente e ter consciência dessa consciência, significa possuir, esgotar a sensação total” (p. 70). Porém, o poema em questão apresenta uma espécie de impasse que tem lugar no Eu: face à impossibilidade de expressar todos os elementos do real, procurando tornar conscientes todos os elementos inconscientes do mundo no plano da “consciência abstrata”, o Eu de “Passagem das horas” encontra a resistência do corpo. Em contraponto à “Ode marítima”, Álvaro de Campos falha, na perspectiva de José Gil, ao buscar a exteriorização total da sensação. Resistindo ao *devir-mundo*, o corpo se mantém preso à identidade de organismo, não sucumbindo às metamorfoses do mundo e fracassando em abarcar o inconsciente da sensação. Teria faltado ao Campos de “Passagem das horas” o gesto metafenomenológico, já analisado por Gil em outros de seus livros: o mergulho no corpo, um processo não intencional e inconsciente, no qual entramos em contato com as forças caóticas que atuam no mundo, uma vez imersos em um estágio anterior à formação de um sujeito ou um indivíduo constituído. O Eu, desta forma, não consegue se efetivar como uma multiplicidade sem

unidade.

Talvez nenhum outro *devir* seja mais esclarecedor e próximo para os leitores de Pessoa do que aquele analisado por Gil no capítulo que abre o livro, no qual a intensidade dos escritos pessoanos é utilizada como chave de explicação do fascínio causado por sua escrita. De acordo com ele, cada poema de Pessoa começa a existir antes de chegar ao leitor, no lugar que perfaz um espaço interior, chamado por Gil de *plano da voz-multidão*. Neste espaço particular de sua poesia, vibram e coexistem todas as vozes, em um movimento que define a um só tempo o processo pelo qual um heterônimo é gerado e também a possibilidade de acoplamento com o leitor. Multiplicam-se os espaços interiores já que, no movimento que empreendem as vozes para o exterior, elas criam no interior um novo espaço. De acordo com José Gil, tal espaço interior-exterior “*constitui um espaço de implosão*, quer dizer, constitui-se como tal, enquanto espaço onde são possíveis múltiplas vozes despersonalizadas e repersonalizadas em heterônimos, personagens virtuais que só ali poderiam falar” (p. 16).

É preciso, porém, que estes novos espaços que definem, para Gil, o processo de multiplicação heteronímica, não se fechem em si. Se assim fosse, teríamos apenas um âmbito ficcional da heteronímia, que não ultrapassaria o plano de sua escrita e seus problemas internos. Se o objeto da análise é justamente o fascínio de sua poesia exercido no leitor, não devemos nos contentar apenas com este universo fechado. Gil destaca, portanto, o aspecto crucial do expediente heteronímico: este movimento de multiplicação, em que as vozes se lançam ao exterior, precisa ser necessariamente um movimento *por terminar*, no qual o leitor, “sempre confrontado com um espaço-fora inacabado, é chamado pela própria construção poética pessoana a *acabá-lo*, a fechá-lo e, assim, a entrar ele mesmo no plano da escrita” (p. 19). Desta forma, o plano da escrita e o plano da vida, analisados em outros capítulos, apresentam-se misturados.

Ao promover a dobra do interior ao exterior, criando para si um espaço singularizado de expressão poética que se vincula a um – ou vários – heterônimo(s), o movimento permanece aberto para que, no plano da vida, um leitor possa compor com ele suas forças, suas sensações.

É este o aspecto contagiante da heteronímia que Gil denomina de *devir-Pessoa*, no qual o leitor, “para acabar o espaço inacabado que lhe é proposto, é atraído para o interior virtual, a fim de ocupar o lugar para o qual é convocado, enquanto leitor” (p. 21). O que, de fato, este processo de virtualização do leitor acarreta? Ao permitir-se a integração aos espaços interiores que habitam Pessoa, “todo o leitor tende a transformar-se num heterônimo pessoano e a *devir Pessoa*” (p. 21).

Este processo de captura e osmose que caracteriza a subjugação causada pelos

escritos de Pessoa é, vez ou outra, associado por José Gil a um movimento de contágio. Importante notar, porém, que o contágio se associa ao devir, perfazendo uma forma de vida mais intensa, evitando o risco – já alertado também por Gil – de percebermos neste contágio uma anulação total daquele que lê, ao associar o processo de captura e osmose com um elemento mimético, especular, que opera por identificação – o âmbito patológico do contágio, que mantém as referências pessoais projetadas na escrita.

O devir-Pessoa, portanto, irromperia no leitor provocando sua *heteronimização*. Em outras palavras, poderíamos dizer que o leitor partilha da dimensão impessoal que é própria à heteronímia, e toma consciência – pela abstração das sensações, tornadas impessoais – do caráter fluido e inconstante da sua própria identidade, do aspecto ilusório da permanência que arranca dos elementos caóticos do mundo a ordem que irá subsumi-lo à representação ou à identificação.

Deste modo, um devir-Pessoa é o movimento que se apossa do leitor fazendo-o confrontar-se com forças que o capturam por contágio, obrigando-o a participar desta dimensão que é aquela da própria heteronímia, não restrita à obra de Pessoa. Algo em nós é capaz de adentrar este movimento e produzir, em nós, o *outramento*, de cuja consciência depende o fascínio causado pela escrita pessoana, compreendida por José Gil como um *foco emissor abstracto sensível de forças*, responsável por formar mundos próprios.

Ao ler Pessoa, instalamo-nos num processo real de exteriorização radical que nos dá a ver a expressividade do mundo, para além dos sujeitos pontuais que somos e das constrictões da representação que atuam, como asseverava Nietzsche, no sentido de negar a vida e os seus aspectos caóticos. É por isto que Gil pode afirmar, em sua bela conclusão, que a escrita de Pessoa faz referência sobretudo à vida, ao “poder de vida da sua poesia. A sua força contaminante, porque todo o poder de vida é contaminante” (p. 30).

*O devir-eu de Fernando Pessoa*, neste sentido, se configura como uma verdadeira cartografia de devires nos interstícios do texto, a partir dos quais a escrita pode ser entendida através das diversas formas com as quais se relaciona – e se confunde – com a vida. A breve e densa contribuição de José Gil, portanto, ao se voltar à incontornável questão do devir que atravessa a obra pessoana, nos alerta a todo momento que ela também nos atravessa *por meio de Pessoa*.

#### **MINICURRÍCULO:**

Doutor em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Literatura Portuguesa pela mesma instituição. Bacharel e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Produtor Cultural da

Casa da Ciência da UFRJ e professor-tutor de História e Filosofia do curso de Licenciatura em História, modalidade à distância, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Organizador do livro *Ciência em foco: o olhar pelo cinema* (Garamond: Rio de Janeiro, 2008). Atua na interface entre a filosofia e as artes, e coordena projetos de divulgação científica que aproximam arte, ciência e pensamento.